

## DA ONTOLOGIA DA LINGUAGEM À TEORIA DA INTERSUBJETIVIDADE: PARA ALÉM DA MODERNIDADE

*Rogério José Schuck\**

---

**Resumo:** O texto busca aprofundar a investigação em torno do conhecimento humano, numa crítica à modernidade, à base da exposição da perspectiva Hermenêutica Filosófica na efetivação da compreensão. Por muito tempo acreditou-se que a primazia das ciências objetificadoras era, por excelência, o modelo para se chegar a uma compreensão verdadeira. Hoje se sabe que a própria razão se encontra inserida num horizonte de experiência que a precede, de tal modo que não pode por ela ser objetivado, isto é, a compreensão é muito mais a inserção num processo de tradição no qual descobrimos algo “postado no meio”, não conseguindo a subjetividade deter o domínio sobre o que nos permite ser compreendido da coisa mesma. Buscaremos apontar o equívoco com relação à primazia do sujeito frente ao objeto, demonstrando que uma experiência ontológica lhe antecede, exigindo-lhe a busca de sentido e possibilitando-nos participar no saber por meio da linguagem. Nosso intuito é aprofundar essa reflexão à base da investigação com Hans-Georg Gadamer, na descoberta do modelo de intersubjetividade (no sentido de uma filosofia do diálogo), implícito na sua hermenêutica tardia, na medida em que este se concentra na questão da linguagem viva, não podendo deixar de lado os estudos de Martin Heidegger. Pretendemos demonstrar os limites e a insuficiência do modelo das ciências objetificadoras, investigando a estrutura ontológica da linguagem, enquanto meio universal no qual a compreensão mesma se dá, numa perspectiva interna à teoria da intersubjetividade.

**Palavras-chave:** Linguagem. Compreensão. Hermenêutica. Modernidade. Intersubjetividade.

---

\* Professor na UNIVATES – Centro Universitário.

**Abstract:** The present study focuses on the human knowledge criticizing the modernity, supported by the Philosophical Hermeneutics perspective in the accomplishment of the understanding. Along the time the belief was that the primacy of the materializing sciences was, eminently, to reach a real comprehension. It is true that nowadays, the reason, by itself, is inserted in a horizon of experience that precedes it in such a way that can not be materialized by itself, i.e., the comprehension is much more the insertion in a traditional process in which we discover something “placed in between”, not allowing the subjectivity the domain of what can be understood by itself. It tries to show the misunderstanding in relation to the primacy of the subject in front of the object, showing a previous ontological experience, requiring the search for meaning allowing our participation in the knowing through the language. The study aims at deepening this thinking based on Hans-Georg Gadamer, in the finding of the model of inter-subjectivity (in a dialogical philosophy) implicit in his late hermeneutics, while he concentrates himself on the alive language matter, not leaving behind Martin Heidegger’s studies. The study intends to demonstrate the limits and insufficiencies of the model of the objectifying sciences, investigating the ontological structure of the language, as a universal means in which the comprehension takes place by itself, in an internal perspective to the inter-subjectivity theory.

**Key words:** Language. Comprehension. Hermeneutics. Modernity. Inter-subjectivity.

## 1 INTRODUÇÃO

A subjetividade encontra-se inserida numa contemporaneidade envolta de muitos pré-juízos que se formaram à base do modelo da ciência objetificadora, acreditando-se, não raro, que as ciências – sobretudo exatas – são a instância última doador do saber humano. Essa perspectiva fundamenta-se na separação rígida entre sujeito e objeto, perdendo-se de vista, assim, a influência da postura humana na configuração do saber.

Hoje percebemos que tal modelo não é suficiente para explicar a efetivação da compreensão humana. Necessitamos buscar uma explicação mais sustentável e, inclusive, novos princípios norteadores que dêem conta de indicar rumos mais eficientes, sobretudo, aos métodos educacionais da atualidade, visto que a perspectiva objetivo-racionalista não consegue dar conta da construção do conhecimento naquelas áreas científicas em que o próprio cientista (ou pesquisador) é parte integrante do campo de investigação.

## 2 PARA UMA CRÍTICA AO SUJEITO MODERNO

Desse modo, Gadamer e Heidegger possibilitam-nos formular uma crítica ao modelo objetificador, no sentido de uma busca da superação da Filosofia da subjetividade. Heidegger e mais ainda Gadamer opõem-se radicalmente ao modelo da subjetividade, sendo que a

hermenêutica irá investir na necessidade de demonstrar a insuficiência de um sujeito que quer ter o domínio frente ao mundo. Isso demonstra-se já na linguagem que não pode ser dominada por aquele que se movimenta desde sempre dentro dela. O homem não é, frente a ela, o dono, no sentido de determinador da linguagem<sup>1</sup>. Portanto, a subjetividade não consegue entender-se a si mesma, pois, para Heidegger, a própria interpretação está fundada numa concepção prévia.

A experiência do sujeito é a de não poder determinar – no sentido de dominar – o espaço dentro do qual sua compreensão se dá. Assim sendo, o procedimento hermenêutico se estabelece, enquanto procedimento interativo, entre o intérprete e seu objeto.

Desse modo, a subjetividade já se encontra desde sempre inserida na tradição<sup>2</sup>. Então é preciso dizer que toda compreensão é marcada por "pré-conceitos", juízos prévios, que se gestaram na tradição. Nesse sentido podemos afirmar que se dá a superação da filosofia da subjetividade. A subjetividade não é a ponte a partir de onde o sentido se gera, mas o sentido revela-se na subjetividade, gera-se na história, transmite-se de geração em geração, de modo que eu posso dizer que os "pré-conceitos" gestaram-se na tradição<sup>3</sup>, são condições transcendentais de minha compreensão.

Trata-se de uma realidade que não se deixa absorver plenamente pela reflexão. Nessa perspectiva a subjetividade não tem o poder de impor o sentido a si mesma, sendo que ela é mais conduzida do que condutora do processo de compreensão. Caso contrário, permanecemos na mera repetição de conhecimentos formalizados.

### 3 A SUSPENSÃO DO PARADIGMA MODERNO

Gadamer abre uma reflexão instigante em torno dessa discussão, ao tomar o jogo como fio condutor para a reflexão ontológica. O intento de Gadamer é tomar o jogo como modelo estrutural para a explicação da compreensão, e não enquanto identidade do conteúdo; não é tanto o processo metodológico, mas muito mais o processo ontológico de compreensão

---

<sup>1</sup> Sob a perspectiva da teoria da subjetividade, em Heidegger a linguagem é compreendida como um instrumento de que o sujeito dispõe para ter as informações necessárias, a fim de se impor ao objeto. O que nos é revelado na compreensão, chega para nós como algo enquanto algo. Esse algo enquanto algo se dá, num primeiro momento, no nível dos entes que estão-aí. Temos uma compreensão de algo que se manifesta enquanto algo, que passa pela linguagem. A linguagem tem essa tarefa de ser mediadora, para que a compreensão possa se efetivar. Em Heidegger, a própria linguagem é instância fundadora de sentido.

<sup>2</sup> Não há como escapar à historicidade na qual o sujeito se movimenta, sendo que nem sempre é-lhe possível a consciência do contexto de sentido em que está vivendo.

<sup>3</sup> O sujeito do conhecimento, como vimos, é sempre inserido num mundo determinado, numa tradição histórica determinada, que constitui um todo de sentido, a partir do qual se dá sempre, implicitamente, seu conhecimento e sua ação no mundo.

enquanto situação insuperável por parte dos parceiros entregues ao jogo. O jogo acontece necessariamente num espaço pré-reflexivo.

A estrutura pré-reflexiva ontológica torna-se condição de possibilidade para a reflexão. Ao tomar o jogo como fio condutor, Gadamer mostra como o espaço próprio, no qual o jogo acontece, abre a possibilidade de avançar na direção de uma subjetividade que deve entregar-se a um espaço próprio, para que a compreensão possa se efetivar. A perspectiva da hermenêutica não quer fugir da racionalidade, mas mostrar que a estrutura encontra-se na situação pré-reflexiva.

O processo de compreensão, nesse sentido, exige um certo entregar-se à situação, de modo semelhante ao que acontece no jogo. O jogo só deveria ser tomado como modelo estrutural para explicar o porquê do processo de estruturação. Nós mesmos estamos nos encontrando como parceiros do processo de compreensão, na medida em que nos deixamos envolver, levar pelo jogo dentro de um espaço próprio. A exigência é o entregar-se ao jogo.

Tal estrutura Gadamer irá aplicar na área do conhecimento, da compreensão. Há "algo" que se manifesta, um conjunto de sentido que, na hermenêutica, não depende mais de uma subjetividade que impõe sobre o objeto que ela busca conhecer. Em outras palavras, não é a subjetividade que arranca o sentido do objeto. Ao invés disso, na hermenêutica gadameriana, há uma relação de alteridade entre a subjetividade e o objeto, de modo que a subjetividade não desaparece, mas somos convidados a repensar nosso lugar no ambiente em que nos encontramos. Há um processo pré-reflexivo que chega a ponto de quase tornar-se a instância de autoridade que determina a reflexão.

Dirigindo essa reflexão para a interpretação de textos, sob a perspectiva da hermenêutica filosófica, devemos defender a interpretação da arbitrariedade e das limitações que derivam de inconscientes hábitos mentais, olhando para a "coisa mesma"<sup>4</sup>. Ao dirigirmo-nos ao texto, no intuito de tomá-lo como objeto, introduzimos nele nossos próprios "pré-juízos", ou melhor dito, somente legitimam-se nossos conceitos prévios, nossa perspectiva. Resulta daí que não fazemos mais do que legitimar nossa pré-compreensão, nossas expectativas, perdendo de vista a "coisa mesma". Não significa que possamos nos dirigir ao texto sem nenhum "conceito prévio". O conceito prévio é, sem dúvida, uma das condições para compreendermos. No entanto, ele deveria permanecer, num primeiro momento, como que suspenso, para, num segundo momento ajudar a reforçar ao máximo os argumentos inerentes ao próprio texto, a fim de que a "coisa mesma" possa se manifestar.

O sentido, portanto, não deve ser imposto ao texto, mas des-coberto, des-ocultado. Essa é a diferença fundamental entre Gadamer e Heidegger. Assim como no jogo, "algo" se dá a compreender, na medida em que aquele que quer compreender deve ser capaz de ouvir o outro, numa relação de alteridade, sem hierarquia, mas com igualdade de condições, para com

---

<sup>4</sup> O conceito de "coisa mesma" não é explícito na obra "Verdade e Método", de Gadamer. Aponta para uma estrutura de sentido que mantém um núcleo central comum, o que possibilita ao sujeito poder falar com pretensão de verdade.

ele estabelecer um diálogo (*Gespräch*)<sup>5</sup>. Em Gadamer, o texto é um outro concreto, com o qual eu estabeleço uma relação de alteridade, reforçando ao máximo seus argumentos para tornar transparentes para si mesmo as implicações e os pressupostos que alimentam sua própria postura e assim chegar a compreender “algo”.

#### 4 NEM RELATIVISMO NEM POSITIVISMO

Segundo Gadamer (1996), o que vem à tona, em sua verdade, é o logos, que não é meu nem teu, é comum a todos e não exclusivamente meu, e que, por isso, sobrepuja tão amplamente a opinião subjetiva dos companheiros do diálogo, que inclusive aquele que o conduz permanece sempre como aquele que não sabe. A dialética, como arte de conduzir um diálogo, é ao mesmo tempo a arte de olhar juntos na unidade de uma perspectiva, isto é, a arte de formar conceitos como elaboração do que se opinava comumente" (Gadamer, 1996, p. 445-446).

Tomando a direção que Gadamer nos aponta, a coisa conhecida se dá em consequência do espaço próprio que se constitui intersubjetivamente. É uma relação em que a exigência é a de não haver o domínio e nem a primazia por parte de um dos parceiros participantes do processo de compreensão. Em outras palavras, dá-se uma unidade vital da linguagem, na qual nos encontramos habitando na linguagem. Desse modo, somos linguagem e não somente possuímos linguagem, sendo que o que se torna linguagem permanece como aquilo que deve ser compreendido, verificado como algo.

O compreender torna-se, assim, algo mais do que um recurso metodológico para descobrir um determinado sentido. O que se manifesta na linguagem não é uma mera fixação de um sentido pretendido, mas um intento em constante mudança, mais exatamente uma tentação reiterada de submergir-se em algo com alguém (Gadamer, 1994, p. 324). A presença do outro, o encontro com ele, ajuda a descobrir e a abandonar a própria clausura. A experiência dialogal que aqui se produz não se limita às esferas das razões de uma ou outra parte, cujo intercâmbio e coincidência pudera constituir o sentido de todo diálogo. Há um potencial de alteridade, algo mais, que está além de todo consenso construído no comum. Desse modo, a interpretação é algo mais do que a técnica da exposição científica dos textos.

Nunca chegamos a uma determinação final do sentido. Permanece a possibilidade de estabelecermos um novo diálogo, se nos permitirmos permanecer envolvidos pela linguagem. Não podemos conduzir um diálogo; ele efetua-se à base de parceiros da linguagem. Essa situação, que nasce e faz com que a linguagem encontre seu lugar de efetivação, não pode ser

---

<sup>5</sup> O conceito *Gespräch* é melhor traduzido para o português por "diálogo". No entanto, essa palavra parece deixar a desejar, pois *Sprache* indica, em alemão, uma abordagem de uma autoconstituição de algo que constitui a linguagem. O "*GE*" marca uma espécie de conjunto, dentro do qual a linguagem se torna compreensível. Com efeito, "*ein Gespräch bringen*" pode ser compreendido como "começar a falar de", no sentido de que "algo" deve se efetuar, constituindo um conjunto em si determinado.

construída por uma pessoa<sup>6</sup>. É condição que ambos os parceiros<sup>7</sup> do diálogo tenham a abertura e capacidade de escutar o outro. O diálogo faz surgir um espaço próprio, no qual nasce "algo" de novo, no sentido de não poder ser identificado, nem com a posição de um nem do outro.

Gadamer (1996), a esse respeito, é preciso, ao afirmar que a linguagem, na qual algo vem à fala, não é possessão disponível de um ou de outro dos interlocutores. Todo diálogo 'pré-supõe' uma linguagem comum ou, melhor dito, constitui, a partir de si, uma linguagem comum. Há, ali, algo postado no meio, como dizem os gregos, em que participam os interlocutores e sobre o que eles criam um intercâmbio mútuo. O acordo sobre o assunto, que deve surgir no diálogo, significa necessariamente que se elabora uma linguagem comum apenas no diálogo. Este não é um processo externo de ajuste de ferramentas, e nem sequer é correto dizer que os companheiros de conversa adaptam-se uns aos outros, mas que ambos vão entrando, à medida que se estabelece o diálogo vivo sob a verdade da própria coisa, e é esta a que os reúne numa nova comunidade. O acordo no diálogo não é uma mera representação e impor o próprio ponto de vista, mas uma transformação rumo ao comum, de onde já não se continua sendo o que se era (Gadamer, 1996, p. 457-458).

Não pode haver superioridade, nem primazia de uma visão sobre a outra. É condição, pois, "pré-supor" uma simetria, em que o ir e voltar leva cada um dos parceiros a "re-estabelecer" seu ponto de vista. Nesse processo, dá-se o ouvir o outro, a questão do reconhecimento do outro - no sentido forte desta palavra - enquanto condição da autocompreensão por parte de quem sabe ouvi-lo. Estamos acostumados a conversar com o outro, para conhecê-lo melhor. Aqui a exigência é demarcarmos nossa própria posição, frente à do outro, sem perder de vista a abertura para permitirmos em nós mesmos a auto-análise.

A atitude de uma razão, que busca a segurança em se servir de si mesma, impondo-se frente ao objeto, a fim de extrair dele resultados que possibilitem chegar ao conhecimento, não consegue atingir seus fins. Ao impor uma pré-compreensão, está somente legitimando o que se sabe. Em outras palavras, introjetando no texto uma perspectiva, apenas acaba-se legitimando ou não aquela perspectiva, que já se sabia, impossibilitando o texto de revelar a coisa intrínseca a ele.

## 5 INTERSUBJETIVIDADE E CONHECIMENTO

Tomando a direção que Gadamer nos aponta, a coisa conhecida dá-se em consequência do espaço próprio que se constitui intersubjetivamente. É uma relação em que a exigência é a de não haver o domínio e nem a primazia por parte de um dos parceiros

---

<sup>6</sup> No sentido de individualmente, isoladamente.

<sup>7</sup> Entenda-se, aqui, que o termo "parceiro" necessariamente não se refere a uma pessoa. Evidentemente, no sentido original remonta a uma conversação com outra pessoa. Aqui, busca-se aplicá-lo, sobretudo, no sentido de uma conversação com o texto.

entregues à situação. Em outras palavras, dá-se uma unidade vital da linguagem, pela qual nos encontramos habitando na linguagem falada. O compreender torna-se, assim, algo mais do que um recurso metodológico para descobrir um determinado sentido. Não é uma dominação do que nos está à frente, do outro e, em geral, do mundo objetivo.

O que se manifesta na linguagem não é uma mera fixação de um sentido pretendido, mas um intento em constante mudança, mais exatamente uma tentativa reiterada de submergir-se em algo com alguém. A presença do outro, o encontro com ele, ajuda a descobrir e a abandonar a própria clausura. A experiência dialogal que aqui se produz não se limita às esferas das razões de uma ou outra parte, cujo intercâmbio e coincidência pudera constituir o sentido de todo diálogo. Há um potencial de alteridade, algo mais, que está além de todo consenso construído no comum. Segundo Gadamer, é na aceitação da diferença e da distância em relação ao outro que se configura o sentido enquanto resultado do diálogo vivo.

Assim sendo, se quisermos efetivar um novo conhecimento, necessitamos abrir um espaço para o movimento em que o conhecimento está inserido, sabendo de antemão que, sem levar os conceitos por meio da convivência com o diálogo vivo, sem uma língua comum, não podemos encontrar palavras que alcancem o outro. Esse movimento passa pela historicidade e pelo modo de ser linguagem (*Sprachlichkeit*), permanecendo em aberto, porém não cai num subjetivismo, justamente por não recair num contexto de falta de reflexão. Permanecem nele elementos substanciais que o precedem, como é o caso do "pré-juízo", da tradição, da autoridade, da distância.

Nesse sentido, é imprescindível entrar no jogo da linguagem, a fim de podermos identificar condições ontológicas possibilitadoras da compreensão. Isso implica que é necessário levar a sério o caráter pré-reflexivo. Não significa ainda uma reflexividade, mas indica algo mais amplo do que uma estrutura epistemológica. Buscamos na investigação com Gadamer desvelar o que é e como conceber esse algo que, por meio da linguagem – enquanto meio universal no qual se realiza a compreensão - nos é possibilitado expressar e se há ou não uma autoprodutividade intrínseca à própria linguagem.

Sabemos, conforme o expõe Gadamer, que o sentido de cada palavra pressupõe sempre um sistema de palavras, sendo a linguagem o meio no qual se realiza o entendimento (acordo) dos interlocutores e o consenso a que se chega intersubjetivamente sobre a "coisa". E tudo isso sem perder de vista que a linguagem é muito mais o meio universal pelo qual a compreensão mesma se realiza. Essa perspectiva vai muito além do proposto pelas ciências objetificadoras na relação para com o conhecimento.

Evidencia-se, pois, que, se fosse possível à subjetividade dominar o espaço no qual está inserida, certamente a humanidade já teria superado quase todos os seus problemas com relação à compreensão. Urge que seja feita a crítica à educação formal que atualmente se desenvolve na maior parte do mundo, educação esta que se efetiva à base de um modelo objetificador insuficiente, pelo que tentamos demonstrar até aqui.

**REFERÊNCIAS**

FLICKINGER, Hans-Georg; ALMEIDA, Custódio; ROHDEN, Luiz. **Hermenêutica filosófica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

FLICKINGER, Hans-Georg; WOLFGANG, Neuser. **A teoria da Auto-organização; As raízes da interpretação construtivista do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdad y método I: fundamentos de una hermenéutica filosófica**. Salamanca: Sígueme, 1996.

\_\_\_\_\_. **Verdad y método II**. Salamanca: Sígueme, 1994.

\_\_\_\_\_. **A razão na época da ciência**. São Paulo: Biblioteca Tempo Univesitário, 1983.

\_\_\_\_\_. **Acotaciones hermenêuticas**. Madrid: Trotta, 2002.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Ser y tiempo**. Santiago de Chile: Universitaria, 1998.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Para além da fragmentação**. São Paulo: Loyola, 2002.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: 70, 1989.

STEIN, E. **A Caminho de uma fundamentação pós-metafísica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

\_\_\_\_\_. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. **Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.